

GEOGRAFICIDADE AMAZÔNICA: A PERCEPÇÃO DO LUGAR DOS RIBEIRINHOS DE SACAÍ, BAIXO RIO BRANCO – RR

Amazonian geography: the perception of the place of the riverside of Sacai, Baixo Rio Branco

Geografía amazónica: la percepción del lugar de los residentes de Sacai, Baixo Rio Branco – RR

Éder Rodrigues Santos
Universidade Federal de Roraima
eder.rodrigues@ufr.br

Rubens Savaris Leal
Universidade Federal de Roraima
savaris@outlook.com

Antonio Tolrino de Rezende Veras
Universidade Federal de Roraima
antonio.veras@ufr.br

Rafael Oliveira da Silva Maia
Universidade Federal de Roraima
rafaufr@hotmail.com

Resumo

O texto analisa a ideia fenomenológica de *lugar* aplicada às narrativas dos moradores de Sacai¹, comunidade ribeirinha pertencente ao município de Caracaraí, localizada a margem direita do Baixo Rio Branco. A partir de entrevistas semiestruturadas com os moradores e revisão bibliográfica, o trabalho tem como foco de análise, a percepção e a geofricidade dos ribeirinhos sobre o espaço vivido e seu modo de vida, noções vinculadas a perspectiva da geografia humanista-cultural. O texto é resultado de pesquisas realizadas durante duas expedições realizadas no Baixo Rio Branco, por meio do Programa de Cooperação Acadêmica na Amazônia nos anos de 2018 e 2019.

Palavras-chave: Ribeirinhos, lugar, geofricidade, fenomenologia, percepção.

Abstract

The text analyzes the phenomenological idea of place applied to the narratives of residents of Sacai, a riverside community belonging to the municipality of Caracaraí, located on the right bank of the Lower Rio Branco. Based on semi-structured interviews with the residents and bibliographic review, the work focuses on analysis, the perception and geography of the riverine residents about the lived space and its way of life, notions linked

¹ A comunidade de Sacai fica distante 326 km do município de Caracaraí (RR), acessada por meio fluvial. Está localizada na latitude: 044.45.5575, longitude: 61.51.51.0303.

to the perspective of humanist-cultural geography. The text is the result of research carried out during two expeditions carried out in the Lower Rio Branco, through the Amazonian Academic Cooperation Program in 2018 and 2019.

Keywords: Riverside, place, geography, phenomenology, perception.

Resumen

El texto analiza la idea fenomenológica del lugar aplicada a las narrativas de los residentes de Sacai, una comunidad ribereña perteneciente al municipio de Caracaraí, ubicada en la margen derecha del Bajo Río Branco. Basado en entrevistas semiestructuradas con los residentes y revisión bibliográfica, el trabajo se centra en el análisis, la percepción y la geografía de los residentes ribereños sobre el espacio vivido y su forma de vida, nociones vinculadas a la perspectiva de la geografía humanista-cultural. El texto es el resultado de una investigación realizada durante dos expediciones realizadas en el Bajo Río Branco, a través del Programa de Cooperación Académica Amazónica en 2018 y 2019.

Palabras clave: Ribeirinhos, lugar, geografía, fenomenología, percepción

Introdução

O trabalho analisa o modo de vida e relação do homem-natureza a partir das vivências, do uso do espaço e da afetividade com o lugar. O texto considera a perspectiva cultural (CLAVAL 2002), da geografia humana aplicada ao modo de vida dos ribeirinhos na Amazônia, com foco na comunidade ribeirinha de Sacai (RR), localizada no estado de Roraima. Para isso, o texto faz uso de autores que desenvolvem teorias geográficas na perspectiva humanista, tendo a fenomenologia como fundamentação filosófica (DARDEL, 2011; TUAN, 2012; COSTA 2002; LIMA, KOZEL, 2009; MARANDOLA; HOGAN, 2009; HOLZER, 1996; BACHELARD, 1993, RELPH, 1978).

Foram realizadas duas expedições, sendo a primeira de 11 a 23 de outubro de 2018 e, a segunda, de 15 a 31 de maio de 2019, por meio do Programa de Cooperação Acadêmica na Amazônia, vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financiou o projeto: estratégia de ordenamento territorial em comunidade de interesse socioambiental na Amazônia, vinculado ao Instituto de Geociências (IGEO/UFRR)², ação que possibilitou a pesquisa na dimensão da geografia humana.

² A equipe agradece o apoio da Reitoria da Universidade Federal de Roraima (UFRR), Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão, Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE/UFRR) e ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO/UFRR).

A comunidade de Sacai (FIGURA 01) fica situada à margem direita do rio Branco, no município de Caracaraí (RR), em região de várzea. Em tempos de chuva em virtude do relevo, ocorrem alagamentos, independentemente da comunidade estar em terreno elevado em relação ao rio Branco.

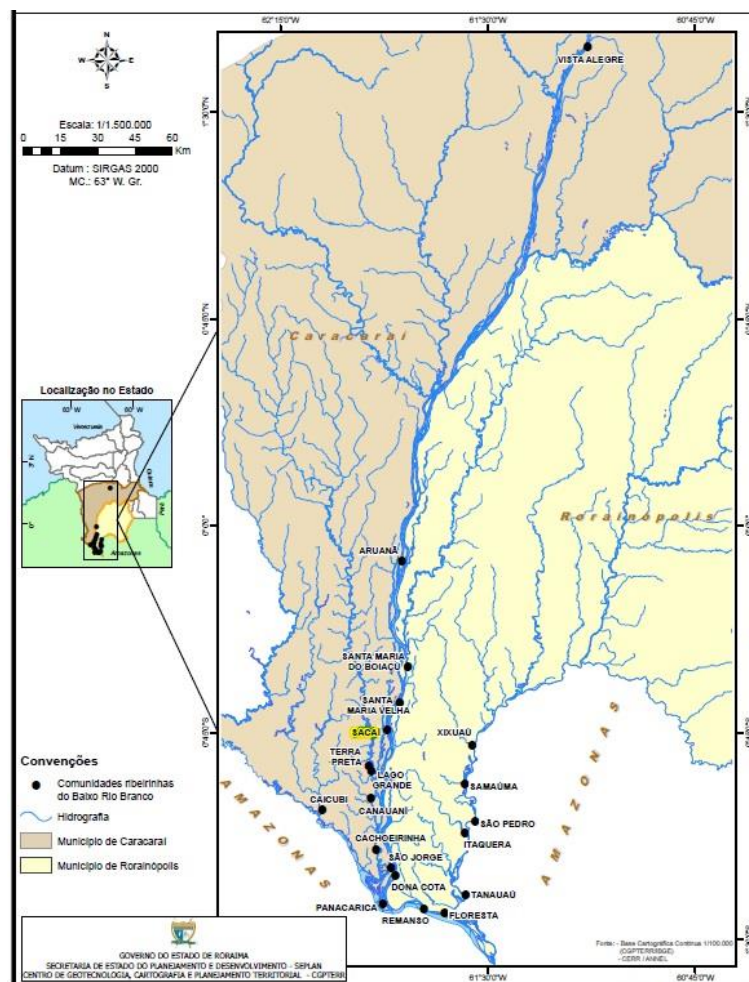


Figura 01 - Comunidades ribeirinhas do Baixo Rio Branco
 Fonte: Autor 4, adaptado do Governo do Estado de Roraima/SEPLAN (2019)

Durante as visitas de campo, foram feitas reuniões com os moradores e lideranças locais; anotações de campo e; gravações de entrevistas para registro das memórias por meio de audiovisual, dados utilizados juntamente com a revisão bibliográfica para produção deste artigo. As entrevistas foram realizadas com cinco moradores da comunidade ribeirinha e trazem os contextos de interesse desta pesquisa, no que diz respeito à importância do lugar vivido para os ribeirinhos, a representação do rio e os desafios que enfrentam.

Na pesquisa, considera-se o relato oral que é mediado pela memória, portanto, a história oral é uma ferramenta importante (BURKE, 1992; HALBWACHS, 2011), uma vez que parte dos ribeirinhos adultos que vive nesta e em outras comunidades no Baixo Rio Branco, possivelmente, não desenvolveram a leitura ou a escrita (MAGALHÃES, 2011). Por meio da escuta e registro dos relatos é possível para o pesquisador descrever e compreender as regularidades que surgem pela memória oral, sugestão de trabalho em Pollak (1989; 1992), tendo como foco de atenção três elementos presentes nas narrativas, que são: o personagem, o fato e o lugar.

Geograficidade: o lugar e o ser ribeirinho

As famílias ribeirinhas da Amazônia muitas vezes enfrentam estereótipos e são vítimas de opiniões do senso comum, que apontam os ribeirinhos como pessoas ‘atrasadas’, ‘preguiçosas’ e regidas por um ‘tempo lento’, visão preconceituosa como aponta Costa (2002) e etnocêntrica de pessoas que, em geral, vivem em grandes centros urbanos, alheias a realidade da vida nos rios e nas florestas. As comunidades ribeirinhas são singulares e tem no seu espaço territorial a garantia de sobrevivência, manutenção e reprodução da vida e, sobretudo, de pertencimento e afetividade.

Há, portanto, uma geograficidade (DARDEL, 2011) que tem como fundamento a percepção e o modo de vida do ribeirinho com suas experiências e de seus antepassados, seu corpo, seus sentidos que estruturam sua cosmologia, o uso do seu espaço, sua economia, cultura e lazer a partir desta relação com o *lugar*. O espaço, neste particular, é uma expressão de luta, resistências e simbolismo. Como conceitua Haesbaert (2006) “[...] o território não se define por um princípio material de apropriação, mas por um princípio cultural de identificação, ou se preferirmos, de pertencimento” (p. 72).

Dardel (2011) em sua obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* afirma que o lugar é o espaço das experiências dos sujeitos, com suas histórias, signos e símbolos, vivido de forma individual e coletiva. A *geograficidade* embasa a compreensão das relações da vida cotidiana e de aspectos subjetivos como os elos afetivos e da imagem mental dos lugares, aponta o autor, considerado um dos primeiros a trazer o termo para o debate científico ainda nos anos de 1950.

Lugar neste trabalho é visto a partir da perspectiva fenomenológica, que descreve as experiências imediatas para além da aparência e coloca-se na posição daqueles que experienciam os fenômenos. O *lugar* (DARDEL, 2011) é uma das principais categorias

espaciais da geografia humanista-cultural, ponto central que pode nos permitir a compreensão das dinâmicas socioambientais (LIMA, KOZEL, 2009; MARANDOLA; HOGAN, 2009; HOLZER, 1996). “O lugar é construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele vivem” (BUTTIMER, 2015, p. 04). O *lugar* (DARDEL, 2011), portanto, é o espaço que agrega as experiências dos sujeitos, suas histórias, signos, símbolos e tem a força para criar elos afetivos com os membros do grupo cultural.

A geografia cultural para Claval (2002) tem por requisito a associação da experiência do indivíduo com a terra, com a natureza, com o ambiente e seus anseios e noções de pertencimento. No texto, *a volta do cultural na geografia* (CLAVAL, 2002), o autor permite ampliar o debate epistemológico da geografia com novas condições de análise, abrindo espaço, por exemplo, para a fenomenologia, o existencialismo e as filosofias críticas.

Para Claval (2011), em sua obra *a Epistemologia da Geografia*, atesta que:

Fazer da geografia uma análise da experiência humana é voltar-se para a maneira como o indivíduo toma consciência daquilo que é através dos lugares onde vive, das paisagens que lhe são familiares e daquelas onde se sente à vontade, das ruínas que lembram o passado e dos equipamentos que convidam a olhar o futuro (CLAVAL, 2011, p.237).

Claval (2002) também diz que lugar e paisagem fazem parte da memória coletiva e que a lembrança do que ocorreu no passado permite acrescentar valor a determinados lugares. Por isso, a comunicação simbólica é resultado do *eu* e do *nós*, fato que se dá pela educação e pela experiência de cada um. Buttimer (2015) acrescenta que “existem muitas dimensões de significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico” (p.06). A compreensão particular ou coletiva de lugar que cada indivíduo tem em sua vivência diária nos permite entender e interpretar, portanto, o ordenamento espacial que as sociedades intimamente dão ao mundo.

Relph (2012) contribui para a renovação conceitual, teórica e metodológica do conceito de *lugar* na geografia enquanto experiência vivida, que tem como base as filosofias do significado, dentre elas, como dito, a fenomenologia. Para o autor, o *lugar* está em uma microescala e deve ser analisado como mundo de experiências intersubjetivas dos sujeitos. Nesta direção, *lugar* é fonte existencial de autoconhecimento e responsabilidade social, um “microcosmo” (p. 31), no qual cada membro do grupo se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona com cada um dos membros.

Na geografia cultural, as sociedades de pequena escala ganham a atenção dos geógrafos, a partir do século XX, ao lançarem mão de estudos de áreas afins das ciências humanas, como filosofia, sociologia e antropologia, contribuindo para a compreensão do fenômeno, vinculado a categoria de *lugar e território*. Claval (1999) destaca o conceito de cultura, partindo da transmissão da experiência humana coletiva e considerando que ela é “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte” (p. 63).

Claval (2002) explica que, abordar lugares e o território é tratar da significação do espaço para cada indivíduo e da maneira de construir objetos sociais a partir das experiências pessoais. O autor aponta que a possibilidade de existir uma identidade que reúna diversas coletividades sociais tem vínculos com as paisagens da lembrança e da memória.

Comunidade de Sacaí: breves descrições

As visitas de campo à Sacaí (FIGURA 02), durante as expedições ao Baixo Rio Branco, ocorreram, pontualmente, no dia 13 e 14 de outubro de 2018 e no dia 20 de maio de 2019. Foi observado pela equipe de pesquisadores que a comunidade apresenta uma pequena infraestrutura, com opções de lazer e serviços intracomunitários, como escola, serviço de internet, igrejas evangélicas e católica, campo de futebol e em duas casas funcionam pequenos comércios.

A população da vila é composta por aproximadamente 230 habitantes, distribuídos entre 50 famílias. As roças da comunidade e campos de futebol feminino e masculino ficam próximas das casas, adentrando a mata. Há três igrejas na comunidade: católica, assembleia de Deus e adventista do 7º dia.



Figura 02 - Vista aérea de Sacai, no Baixo Rio Branco. Fonte: CALEFFI, R.C. (2019).

A comunidade não possui um sistema de esgotamento sanitário, como verificado em todas as comunidades do Baixo Rio Branco, assim como não há também coleta de lixo. A maioria das residências faz uso de fossas negras que, em termos construtivos, resume-se a um buraco para lançamento do esgoto *in natura*, o que resulta na contaminação direta do solo e do lençol freático. Comumente o lixo é queimado ou enterrado sem um destino adequado.

A queima libera dióxido de carbono (ou gás carbono) na atmosfera que é prejudicial à saúde. O lixo sem destinação adequada afeta diretamente o ambiente, que favorece a proliferação de ratos, moscas dentre outros vetores que se alimentam do lixo e podem ocasionar doenças. Constatou-se que a comunidade sabe da importância da educação ambiental, uma vez que é regular o comentário dos entrevistados sobre o cuidado com o lixo até chegar ao destino final. Para os moradores, essas etapas são imprescindíveis para a redução dos problemas relacionados à saúde local e o bem viver. No entanto, na percepção dos mesmos, a comunidade necessita em caráter de urgência de ações concretas e duradoras de políticas públicas direcionadas ao saneamento básico.

O abastecimento de água potável para o consumo é feito, a partir de 2019, pelo sistema Salta-Z³, provenientes de ação do poder público federal, notadamente a Fundação

³ Salta – Z significa: Solução Alternativa Coletiva Simplificada de Tratamento de Água para Consumo Humano.

Nacional de Saúde, que em parceria com a comunidade fornece os equipamentos para a instalação de caixas d'água, enquanto que os moradores têm a obrigação de construir e viabilizar a estrutura física.

De acordo com a FUNASA, o Salta-Z é um processo criado para simplificar, filtrar e desinfetar águas de superfície ou subterrânea, sendo uma solução coletiva de abastecimento de água potável em “situações especiais e excepcionais, em pequenas comunidades, tais como: moradores da zona rural, pequenas comunidades ribeirinhas, escolas da zona rural, comunidades indígenas, que ainda não contam com abastecimento público”⁴.

No entanto, percebeu-se, ainda o consumo da água do rio sem nenhum tratamento. Outro aspecto negativo é que, mesmo que o Salta-Z proporcione água de qualidade, não existe uma rede de encanamento para levar água tratada às residências, o que exige uma readequação na cultura do uso da água, aparentemente, por dois motivos: 1) o rio está há poucos metros das habitações e; 2) consumir água diretamente do rio é uma prática de cerca de quatro décadas na comunidade.

O acesso a 100% das casas da vila se dá pela única rua paralela ao rio, fronteira das residências com a margem, formando uma visão panorâmica da vila, permitindo por exemplo, que haja diversos pontos para a amarração das canoas e barcos de menor porte, que favorecem incursões para a pesca e o lazer imediato das crianças que brincam de pular no rio. Abaixo, o trabalho traz um pouco das reflexões dos moradores sobre o lugar.

Narrativas: acolhimento e afeição pelo lugar

Durante a pesquisa na comunidade de Sacáí, foram entrevistados cinco moradores, aqui denominados de *Entrevistados 1, 2, 3, 4 e 5*, para preservar a identidade deles, mesmo que tenhamos a autorização prévia dos mesmos gravada em vídeo, para validar a entrevista. A partir das narrativas verificou-se as percepções e regularidades das narrativas a serem tratadas a posteriori, dando atenção ao espaço vivido.

⁴ Disponível em http://www.funasa.gov.br/biblioteca-eletronica/publicacoes/saude-ambiental/-/asset_publisher/G0cYh3ZvWCm9/content/manual-da-solucao-alternativa-coletiva-simplificada-de-tratamento-de-agua-para-consumo-humano-salta-z-?inheritRedirectfalse. Acessado em 11 de janeiro de 2020.

Entrevistado 01

O entrevistado 01 é professor e gestor escolar. Ele tem 47 anos e há 18 trabalha na comunidade. O professor explica que Sacaí representa para ele acolhimento, uma vez que veio para a vila trabalhar na escola e recebeu os cuidados e atenção dos moradores que ali já moravam. Ele afirma que não tem vontade de sair de Sacaí para morar em outra cidade, muito por conta deste acolhimento coletivo, que afeta todos os demais professores que chegam em Sacaí. “Me sinto muito bem aqui. A comunidade é acolhedora. É a fama da nossa comunidade”⁵.

Ao relatar os desafios socioeconômicos, o professor afirma que a falta de água tratada é sempre um problema para a comunidade. “Falta um poço artesiano aqui”. Aponta também para as dificuldades com a saúde, uma vez que faltam remédios no posto de saúde. Sobre outros serviços de saúde, ele diz que casos graves são encaminhados para Santa Maria do Boiaçu, que tem base de apoio e aeroporto. “A comunidade é bem assistida em relação aos programas do município [Caracaraí]. A equipe vem de dois em dois meses, para fazer levantamento de saúde, atendimentos de odontologia, vacina e disponibilizam alguns remédios”.

Sobre a segurança, para ele Sacaí era considerada violenta, mas hoje está mais *segura*. Destaca ainda que a internet faz com que Sacaí esteja *conectada* ao mundo. O entrevistado 01 diz que em 2017 o governo do estado de Roraima anunciou a implantação do ensino médio em todas as comunidades do Baixo Rio Branco, ação que deveria ser executada até o mês de agosto de 2018.

“Até a presente data não fomos beneficiados com esta promessa. Há muito tempo temos batido nessa tecla. É preciso implantar o ensino médio aqui. É de grande relevância para que os alunos se aprofundem nos seus saberes. Os alunos que concluem o 9º ano do ensino fundamental 2, quando os pais tem condições, se deslocam para as cidades, como Caracaraí e até a vila de Santa Maria do Boiaçu, que tem ensino médio. Outros permanecem parados aqui na comunidade”. **Entrevistado 01**. Entrevista concedida no dia 14 de outubro de 2018, na comunidade de Sacaí.

O rio na visão dele tem grande importância, pois é dele que se tira o sustento e também é o meio de transporte para se deslocar para outras vilas e cidades. “É dele que dependemos”, diz o professor.

⁵ **Entrevistado 01**. Entrevista concedida no dia 14 de outubro de 2018, na comunidade de Sacaí.

Entrevistado 02

O entrevistado 02 é casado e tem 14 filhos. Ele mora há 36 anos em Sacaí e construiu a primeira casa da comunidade. O entrevistado 02 não sabe informar a origem do nome Sacaí, mas diz que o lugar é ‘muito bom’ e ‘sadio’. Ele afirma que o peixe é uma das grandes fontes de renda, assim como o açaí. A agricultura é uma fonte importante, tida como atividade de subsistência, sendo comercializado o pouco excedente.

Segundo ele, em alguns anos, a vila sofre com no inverno com os alagamentos, fazendo com que se perca parte da produção, como as roças de banana. Ele destaca que a vila tem dois comércios que abastecem de produtos de necessidade básica para limpeza, higiene e alimentação.

Em relação ao rio, ele lembra que criou seus filhos e que seu sustento depende dele. “Graças a Deus, ele aguenta. Meus filhos estão todos criados e foram sustentados por ele”⁶. O entrevistado diz que, além do poço artesiano, uma outra demanda importante da comunidade é a reforma da escola, que tem estrutura de madeira e precisa de reparos, fato que revela sua consciência e respeito pela educação.

Sobre sair de Sacaí, ele ri durante a entrevista, diz que não tem vontade e reforça que é pai de ‘14 filhos e 48 netos’ e que ele não ‘bate cabeça’ com nenhum, atribuindo a criação deles ao espaço vivido, que inclui ficar longe de mazelas sociais, como a vulnerabilidade e pobreza e, por consequência, da sedução dos jovens pela criminalidade que gera violência nas cidades. “Se estivesse na cidade, talvez uns 10% estivessem na rua. Aqui, eles dormem cedo. Aqui é melhor para educar nossos filhos”. A palavra que define a comunidade para o entrevistado 02 é também ‘acolhedora’.

Entrevistado 03

O entrevistado 03 é marceneiro, mora há 20 anos na vila e diz que Sacaí é um lugar bom para viver. “A natureza pode ser *sentida* aqui. É gostoso. Mesmo no verão, é possível sentir o frio na comunidade”⁷.⁷, ressalta o morador, que construiu a casa de palafita ao lado da escola. A casa é ampla, com cerca de 20m², não tem paredes nem divisões, apenas cobertura e piso de madeira. O entrevistado 03 dorme em uma espécie de barraca de madeira no centro da habitação com os filhos. Nos espaços laterais funciona a oficina,

⁶ **Entrevistado 02.** Entrevista concedida no dia 14 de outubro de 2018, na comunidade de Sacaí.

⁷ **Entrevistado 03.** Entrevista concedida no dia 14 de outubro de 2018, na comunidade de Sacaí.

onde ele produz, nas horas vagas, pequenas embarcações de brinquedo em madeira (jasmim), além outros artefatos também para comercialização.

A madeira utilizada nos artefatos é da região. Parte da equipe da expedição de pesquisa à Sacai dormiu na casa do entrevistado 03 na primeira viagem. Durante a noite, um incidente marcou a viagem: três membros da expedição foram atacados por morcegos nos pés enquanto dormiam em redes. A ocorrência de ataques de morcegos não é incomum no local, mas as ocorrências de possíveis contaminações por vírus da raiva são pequenas. Algumas crianças da localidade relataram que já foram atacadas até dez vezes por morcegos. A equipe foi vacinada ao chegar em Boa Vista (RR), uma vez que não há medicamento nas comunidades ao longo do Baixo Rio Branco.

Percebeu-se que estes incidentes não são uma preocupação de primeira ordem na comunidade. O personagem 03 enfatiza que não deixa a vila para morar em cidades, convidando as pessoas que se sentem estressadas com os desafios urbanos a conhecerem as comunidades ribeirinhas e desfrutarem do que a natureza oferece de melhor. “Eles precisam conhecer este ar puro da natureza”, assinala.

Entrevistado 04

Outra moradora que demonstrou uma relação de afeto com o lugar é a entrevistada 04. Ela mora há 20 anos em Sacai, com sete filhos, 14 netos e trabalha na agricultura. Ela diz com segurança que não trocaria Sacai para morar em cidades. “Ah, eu amo este lugar”⁸, assinala, suspirando enquanto admira o rio e caminha com um caule de bananeira. “Vou plantar”, diz animada.

A entrevistada 04 lida com o trabalho na roça, compreendendo os tempos cíclicos para o plantio, como verão e tempos chuvosos, resultado de sua criação no interior e da prática diária no plantio de várias culturas. Para TUAN (2012), “[...] o trabalhador rural não emoldura a natureza em lindos quadros, mas pode estar profundamente consciente de sua beleza” (p.141).

Entrevistado 05

Outro morador, o entrevistado 05, afirma que Sacai não tinha muitas dificuldades no começo. Ele diz que tem boas lembranças de quando era mais jovem e diz que agora as

⁸ **Entrevistada 04.** Entrevista concedida no dia 14 de outubro de 2018, na comunidade de Sacai.

dificuldades são maiores. “Antes, nós sabíamos quais eram as dificuldades. “Hoje elas são maiores em termos de educação dos nossos filhos. A respeito das drogas que temos que estar sempre presentes com nossos filhos, também em relação a saúde e a educação, que são coisas que precisam de apoio do governo”, pontua.

Sobre o lazer, ele fala que todas as tardes a comunidade se junta para participar do futebol e conversar. Ele destaca esta dimensão do lazer e esporte em sua fala, considerando um momento diário de bem viver e confraternização entre os moradores que, possivelmente, tornou-se um rito e, conseqüentemente, parte da estrutura social.

Em Sacaiá, há dois campos de futebol, um menor para as mulheres e outro para os homens. Outras pessoas, reúnem-se nas laterais dos campos para apreciar os jogos, conversar ou aguardar a próxima partida para entrar em campo. “O esporte é um encontro com os amigos e um momento alegre do dia que temos em comunidade”⁹, explica.

Sobre o rio, ele destaca a importância do bem hídrico como provedor de alimentos e acesso dos moradores a outras vilas e a cidades como Caracaraí (RR) e Boa Vista (RR). “O rio significa tudo para nós, é de onde tiramos o sustento e é nosso meio de transporte”, destaca.

Conclusão

A compreensão particular ou coletiva sobre o espaço que os indivíduos em Sacaiá têm em sua vivência diária nos permite entender os significados que eles dão ao seu mundo. Nos relatos dos entrevistados percebe-se que há uma preocupação presente com os desafios socioeconômicos e ambientais da comunidade, sobretudo quando se trata da educação, do futuro das novas gerações e no uso da água. Tais reflexões são provenientes do crescimento demográfico da comunidade e da intersubjetividade, princípio fenomenológico que é o diálogo da pessoa e o meio em que vive, no sentido de herança sociocultural que circunda a vida diária (NOGUEIRA, 2005). Estas preocupações são tratadas ao longo das entrevistas, assim como as vantagens de morar em Sacaiá.

As narrativas aqui descritas trazem termos importantes a serem considerados. Pela linguagem e memória afetiva do lugar, pode-se perceber que morar em Sacaiá é ter o rio como o ‘sustento’, o ‘transporte’, o ‘meio’ de sobrevivência, ‘tudo pra nós’, ‘importante’,

⁹ Entrevistado 05. Entrevista concedida no dia 14 de outubro de 2018, na comunidade de Sacaiá.

lugar experienciado e, ao mesmo tempo, simbólico, portanto, uma narrativa que retorna carregada de emoção.

Outros adjetivos atribuídos a comunidade de Sacai pelos moradores entrevistados vem com as palavras: ‘acolhedora’, ‘sadia’ e ‘segura’. Na dimensão da topofilia (TUAN, 2012), os entrevistados narram seus sentimentos e experiências, sem deixar de pontuar os desafios estruturais que enfrentam, menos de ordem econômica e mais de ordem política, como a pouca atenção do poder público, a melhor distribuição de água potável e investimentos na educação, percepção de dimensão coletiva, marcante pelas regularidades nas falas (POLLAK, 1992).

Nota-se que nenhum dos entrevistados destacou, por exemplo, demandas por incentivos à dimensão econômica, como as atividades de produção agrícola, pesca ou extrativismo como sendo problemas graves locais ou que estas deveriam receber maior incentivo do poder público. Em Sacai, os habitantes estão habituados com o trabalho diário de extrativismo e a pesca de subsistência. Além disso, os entrevistados não manifestaram interesse por algum tipo de turismo, seja de base local ou mesmo empresarial ou pela pesca esportiva e artesanal, atividades que ocorrem com intensidade em outras comunidades mais ao sul do Baixo Rio Branco e no rio Jauaperi¹⁰. Os ribeirinhos entendem que as atividades extrativistas e de pesca são a base de sustentação da vila e o foco está na manutenção, portanto, de outras áreas que podem trazer benefícios a longo prazo, como é o caso da educação, que recebeu destaque nas falas.

A estrutura da comunidade, com apenas a rua principal às margens do rio e as dezenas de casas em palafita construídas uma ao lado da outra, formando uma visão panorâmica da vila, permite, por exemplo, que haja diversos pontos para a amarração das canoas e barcos de menor porte, que favorecem incursões para a pesca e o lazer imediato das crianças que brincam de pular e tomar banho no rio.

A prática do futebol feminino e masculino aos fundos da comunidade, acesso realizado por breve trilha, permite a atividade física dos moradores, sobretudo jovens, fenômeno que traz elementos importantes para pensar o modo de vida destes ribeirinhos. Os campos de futebol, assim como a trilha são cercados por árvores frondosas, que deixam o clima ameno, o que em si já é uma experiência, sobretudo para os visitantes que,

¹⁰ Há comunidades que recebem uma compensação econômica de empresas que exploram o turismo empresarial e a pesca esportiva, como as vilas de Santa Maria do Boiaçu, Terra Preta, Lago Grande e Canauini. A comunidade de Xixuaú recebe turistas por meio de pacotes de ecoturismo.

possivelmente, percebem a beleza do ambiente amazônico dentro de sua funcionalidade. É Tuan (2012) que lança luzes sobre este fenômeno quando diz que “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perdura, além do efêmero, quando se combina o prazer estético com a curiosidade científica” (p. 139).

A escola está no centro da comunidade. É um ponto de encontro que tem funções sociais que vão além da escolarização: serve como espaço para recepção de visitantes, formação de rodas de conversas, apresentações culturais e breves reuniões, como ocorreu nas expedições citadas neste trabalho. A experiência do lugar, o prazer e liberdade são notadas em qualquer horário pela quantidade de crianças que estudam na escola, mas que nas horas vagas, brincam nas imediações, seja nos campos de futebol de chão batido, nas varandas da escola, abaixo das casas de palafitas, que tem amplos espaços de armazenamento de materiais, como canoas e utensílios domésticos em desuso, ou ainda, às margens do rio Branco, ao tomarem banho.

As crianças exploram, portanto, os *espaços felizes*, expressão criada por Gaston Bachelard (BACHELARD, 1993; TUAN, 2012, p. 11). É Bachelard (1993) que aponta também que “o espaço habitado transcende o espaço geométrico” (p. 227). Tuan (2012), nesta direção, ao tratar sobre a topofilia, que é o apego ao lugar, diz que “o adulto deve aprender a ser complacente e descuidado como uma criança se quiser desfrutar polimorficamente da natureza” (p. 140).

Os significados, valores e ritmos do lugar para a comunidade estão intrinsecamente vinculados às experiências deste espaço fundado e orientado pelo relacionamento cotidiano com ele. A importância do lugar pode ser comunicada aos visitantes pelas narrativas dos entrevistados, sobretudo, quando há uma compreensão de que as falas estão vinculadas à relação existente entre as sensações, seus corpos e o mundo vivido.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes. 1993. 354p.
- BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, Universidade Federal Fluminense, v. 5. N. 1, págs. 04-19, 2015.
- BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. 354p.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, cap. 2, págs. 35-86.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. 453p.

CLAVAL, Paul. “A Volta do Cultural” na Geografia. *In*: **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 01, n. 01, págs. 19-29, 2002.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. 406p.

COSTA, Josué da Silva; **Nos Banzeiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Rondônia: Ed. Unir, 2002. 216p.

CRUZ, Valter do Carmo. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. *In*: TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da; TAVARES, Maria Goretti da Costa (orgs). **Cidades Ribeirinhas da Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008, cap. 3, págs. 49-69.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos Territórios” multiterritorialidade**. 6ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 396p.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Centauro. 2011. 189p.

KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; Filho, SYLVIO Fausto Gil (Orgs). **Da percepção e Cognição à representação**. São Paulo: Editora Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007. 243p.

LIMA, A.M.L.; KOZEL, S. Lugar e mapa mental: uma análise possível. **Geografia**, v. 18, n. 1, Universidade Estadual de Londrina, págs. 207-231, 2009. Disponível em www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia.

MAGALHÃES, Maria das Graças S. D. **Amazônia: relatos orais – os ribeirinhos da mesoregião Sul de Roraima**. Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis, págs. 1500-1508, 2011.

MARANDOLA JR; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (orgs). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307p.

NOGUEIRA, A.R.B. **Uma interpretação fenomenológica na Geografia**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP. pp. 10243-10262. Março, 2005. Disponível

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Metodologicos/11.pdf>.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5. N.10, págs. 200-212,1992.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, págs. 03-15, 1989.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. *In*: MARANDOLA JR; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (orgs). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, capítulo 3, págs 17-31.